

O OLHAR DE UMA MULHER NEGRA SOBRE A SUA EXISTÊNCIA NA UNIVERSIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

PAMELA OLIVEIRA DA ROSA¹; CAMILA PEIXOTO FARIAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – pamela_oliveira91@outlook.com

³Universidade Federal de Pelotas – pfcamila@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho surge a partir da necessidade de evidenciar as experiências que eu – enquanto uma mulher negra – vivencio dentro de um ambiente que é alicerçado por estruturas que produzem uma violência, um silenciamento e uma exclusão não só do meu corpo negro, mas também daqueles que se parecem comigo.

Inquietações e anseios me movem para a construção de um trilhar digno e marcante dentro do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), pois é com base nisso – acabar com a neutralidade que existe sobre as pessoas não pensarem sobre a pouca presença de pessoas negras nesses espaços – , que meu caminhar se articula, de maneira que vou me afirmando e produzindo recursos que mantenham a minha presença viva e ativa, apesar de existir todo um movimento com o objetivo de que as pessoas negras, e principalmente as mulheres negras, permaneçam em um lugar invisível, de servidão e de subalternidade (GONZALEZ, 2020).

A universidade é um ambiente que contém em sua maioria, pessoas brancas, sendo estas as que ocupam os lugares mais altos de poderes e como Cida Bento (2022) afirma: os brancos possuem um pacto de cumplicidade - silencioso - onde eles se protegem e preservam seus privilégios. Logo no primeiro contato com a universidade é possível notar a falta de representação de mulheres negras nesse espaço, assim como de pessoas negras, é a partir disso que o sentimento de (não) pertencimento surge assim como a (não) identificação com todas aquelas pessoas que tentam de toda forma moldar o seu jeito de agir, estar e viver dentro daquele lugar.

Colocar os pés dentro da universidade e consequentemente dentro do curso que escolhi cursar foi impactante, pois foi impossível não ter aquela ação de contar quantas pessoas iguais a mim também compartilhavam aquele mesmo lugar em que eu estava e iria estar por longos anos. Essa trajetória até o presente momento foi baseada em tentar conquistar espaços em um lugar onde a falta de representatividade é assombrosa e também carregada de momentos de autoquestionamento sobre a minha capacidade de aprendizagem e a pressão de precisar me mostrar melhor em tudo que me propunha a fazer.

Foi então que tive a oportunidade de ocupar um espaço dentro do *Pulsional - núcleo de pesquisas e estudos em psicanálise* e desse grupo surgem problematizações sobre a presença do racismo estrutural, assim como também o direcionamento de um olhar para o sofrimento da população negra e a partir disso contei com a possibilidade de iniciar a escrita de uma pesquisa.

2. METODOLOGIA

Este trabalho surge a partir das experiências que meu corpo negro – enquanto uma mulher negra – dentro de um espaço que é carregado de lógicas

opressoras que possuem o poder de conseguir invisibilizar a presença de pessoas iguais a mim. Pretendo problematizar essa lógica e visibilizar vivências que são frequentemente invisibilizadas no contexto universitário.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por mais que eu possa existir dentro da universidade como pessoa que passou por processos seletivos, encontrar um contexto em que eu posso ser quem eu sou e ser vista para além do que o meu corpo – de mulher negra – apresenta não foi o que aconteceu. Isso principalmente pela falta de representatividade que a academia apresenta para as pessoas negras, além da presença permanente do sentimento de (não) pertencimento dentro desse espaço. Apesar de existir um discurso sobre a universidade ser um ambiente que é contra as lógicas de opressões, que é um lugar seguro, minha experiência comprova que este ambiente é totalmente propiciador de violência contra corpos negros, e além disso, beneficia pessoas que apresentam junto de si, lógicas de privilégios em detrimento de pessoas que não as possuem.

As cobranças e pressões internas junto com o questionamento se eu era capaz de saber falar ou estudar alguma coisa entraram comigo dentro das salas de aulas, acompanhar a dinâmica de funcionamento de cada professor foi um processo árduo pois a maioria das metodologias eram e ainda são baseadas na perspectiva branca, patriarcal, racista, heteronormativa e sexista, o que faz com que caia por terra aquele discurso falasíoco que muitos carregam que a universidade é aberta a pluralidade de ideias. Grada Kilomba (2019) evidencia que o meio acadêmico não é neutro, [...] “ele é um espaço branco onde o privilégio de fala tem sido negado para as pessoas negras [...]” (p. 50). Portanto a suposta neutralidade não passa de uma perspectiva sendo colocada na posição de ideal: perspectiva masculina, branca, heteronormativa, europeia e opressora.

Notar a dimensão de cada violência que acontece é doloroso, de forma a paralisar e emergir a sensação de que aquele lugar não nota o teu corpo, a não ser para ser usado como exemplos do período da escravização, e muito menos validam ou escutam as nossas dores. E é nesse momento que por pressão de toda uma sociedade racista, que nós pessoas negras e principalmente as mulheres negras, nos entendemos como indivíduos que não são destinados a ocupar os espaços que existem, sejam eles acadêmicos, de poder, de centralidade ou qualquer um que não seja de “inferioridade” KILOMBA (2019). Alguns dos atravessamentos que me acompanham dentro desse processo de graduação é aquela sensação de que a minha voz não alcança os ouvidos das pessoas que frequentam o mesmo lugar que eu. A percepção de que eu não posso falar sobre minhas vivências partindo de uma ótica que me tira de uma lógica de inferioridade é difícil, visto que existe uma logicidade racista perpetuando pelos corredores da sociedade de que eu não sou uma pessoa que pode falar e se eu falar serei vista com frequência como vitimista. KILOMBA (2019) torna exposto um ponto que é essencial para que se entenda o mecanismo engendrado na nossa sociedade para que os nossos corpos negros se mantenham em um lugar invisível e nossas vozes não sejam escutadas, “não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se “especialistas” em nossa cultura, e mesmo em nós” (p.51).

Além de tentarmos nos manter dentro da academia, ainda temos que lidar com todos os estereótipos que depositam sobre nossos corpos além de ter que lidar com as pessoas brancas que se dizem antirracistas mas que possuem ações opressoras. A experiência como pessoa negra já é difícil, mas enquanto mulher negra, partindo de vivências minhas é algo ainda mais custoso, visto que o racismo e o sexismo andam de mãos dadas empenhados em fazer com que a vida da mulher negra seja cansativa e dolorosa, já que existe uma imagem que perdura pela sociedade, de que esta mulher deve ocupar um lugar de subalternidade, representando um ideal de submissão e mercadoria. Por muitos momentos me peguei fazendo comparações com outras pessoas, que em sua maioria eram brancas, e me questionando se eu era inteligente o bastante para conseguir aprender ou até mesmo entender o que estava sendo discutido dentro da sala de aula e em outros locais.

No momento que eu entrei para o Pulsional - núcleo de estudos e pesquisas em psicanálise, alguma coisa mudou, parece que nas reuniões do grupo eu consigo colocar para fora minhas inquietações e opiniões e sei que de alguma forma eu vou ser escutada e entendida. Isso me faz pensar que o contexto é um fator importante em meio a tudo isso, já que boa parte das pessoas que eu convivo fazem parte deste mesmo núcleo que eu, o que também acaba por ser prolongado para dentro das salas de aula tanto em apresentações de trabalhos ou em discussões que acontecem; mas ao mesmo tempo, é possível notar que são poucas pessoas que realmente demonstram incômodo com as ideologias e as lógicas de opressões encontradas dentro da universidade. Como exemplo disso, durante uma conversa com alguns amigos a seguinte frase foi dita: "se não fosse nós aqui, a nossa turma jamais falaria sobre questões da negritude, de gênero e sexualidade, porque é só a gente que fala disso em sala de aula". Assim, temas que deveriam transversalizar todas as disciplinas na universidade acabam por estar presentes em raras discussões - em sua maioria sustentadas por alunas e alunos. Isso é reflexo da constituição de uma sociedade que se mantém ancorada pelas ideologias opressoras e isso ainda é reproduzido na universidade.

Hoje parando para pensar, sinto que de alguma forma houve a união do útil ao agradável – encontrei um lugar que posso falar das minhas vivências enquanto uma mulher negra, estudar mais a fundo sobre psicanálise e o mais importante articular as duas coisas –. Entrar para o *Pulsional* possibilitou que eu conseguisse uma bolsa de ensino, e junto a isso, surgiu a vontade de iniciar uma pesquisa, de escrever algo que representasse as minhas vivências e meu corpo enquanto uma mulher negra. O fato de eu estar no lugar de pesquisadora e não no de objeto pesquisado é muito significativo para mim, isso evidencia que aos poucos as pessoas negras passam a ocupar os espaços que também lhe são de direito.

O simples ato de iniciar uma escrita já fez com que eu sentisse que era possível existir e que eu poderia ser escutada por alguém, mas também entendo que esse sentimento é recente e complexo, porque ainda existem muitas barreiras que estão consolidadas e preparadas para dificultar o meu caminhar.

[...] e quando falamos nós temos medo
nossas palavras não serão ouvidas
nem bem-vindas
mas quando estamos em silêncio
nós ainda temos medo

Então é melhor falar
tendo em mente que
não esperavam que sobrevivêssemos
(Audre Lorde, 1997)

4. CONCLUSÕES

Diante de tudo isto que foi exposto sobre as minhas vivências enquanto uma mulher negra e acadêmica, reconheço que meu percurso de escrita é amparado por emoção e sentimentos que me movem para continuar lutando para que meu corpo não seja sinônimo de subalternidade, assim como amplio a minha consciência de que eu me encontro em um lugar que não é neutro. Entendo que seja necessário a ampliação de espaços que ofereçam conforto e acolhimento para pessoas iguais a mim, de forma que as pessoas negras entendam que elas são capazes de chegar onde elas quiserem.

Enquanto bolsista do *Pulsional - núcleo de pesquisas e estudos em psicanálise*, penso que seja minha função continuar produzindo conhecimentos a respeito de formas efetivas de inclusão, assim como entendo que a minha presença dentro deste espaço reforça o movimento existente no grupo das pessoas brancas questionem suas ações, se responsabilizem por elas e procurem se situar enquanto agentes da desconstrução do racismo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, C. **Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KILOMBA, G. 1968 **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LORDE, A. **The collected poetry of Audre Lorde**: W. W. Norton, New York, 1997